

## SEMPRE AO MEU LADO

SUZANNE THOMAS LAWLOR

Mamãe e eu saímos da mesma fôrma. O mesmo cabelo liso e escuro, os mesmos olhos míopes e o mesmo tipo de corpo.

Minha mãe era o meu porto seguro. Apesar de todo o preparo e estudo, eu era tímida e insegura. Ela estava sempre a meu lado, me apoiando, me dando força. Era professora de estudos sociais na escola onde eu cursava o segundo grau e todos os meus amigos a conheciam e gostavam dela.

Eu tinha dezesseis anos quando um simples resfriado se transformou numa pneumonia que levou minha mãe em uma semana.

De repente, meu mundo desmoronou. As portas pareciam se fechar e eu me via no meio de um túnel escuro. Pensava em todas as perguntas que gostaria de ter feito à minha mãe - desde coisas maiores sobre sua vida e o que ia no seu coração até questões mais simples, como a receita dos doces do Natal ou a medida de açúcar de sua famosa torta de limão e merengue.

Minha mãe nunca mais estaria a meu lado. Eu me sentia profundamente triste, sozinha e desamparada.

A partir daí, eu, antes aberta e idealista, me transformei em uma garota amarga e sarcástica, como se meu coração tivesse uma couraça de tristeza e culpa. Eu me torturava pensando no que poderia ter feito ou dito para manifestar meu amor nas vezes em que a percebi triste e não dei atenção, em alguma palavra áspera que lhe dissera. Era tarde demais.

Quando estava no segundo ano da faculdade, aprendi a fazer meditação e, aos poucos, comecei a sair da armadura que usava para me proteger. Sentada, olhos fechados, eu sentia aflorarem as lágrimas purificadoras que me restauravam.

Uma manhã, durante a meditação, as lembranças tristes e geradoras de culpa voltaram a me assaltar. Lembrei-me então de uma história que minha mãe me contara sobre meu avô, acometido por um câncer de garganta quando ela só tinha oito anos. Pouco antes de morrer, ele lhe dissera:

- Evelyn, lembre-se disso: se alguma coisa me acontecer e você realmente precisar de mim, me chame. Estarei por perto para ajudar.

Minha mãe me contou que, na época da faculdade, ela se apaixonara por um rapaz que lhe partiu o coração. Ela se sentiu tão triste que, dentro dela, chamou pelo pai.

- De repente eu senti que ele estava ali, no meu quarto.

Senti todo o seu amor e soube que tudo ficaria bem.

Achei que valia a pena tentar. Então, chamei minha mãe em pensamento. "Me desculpe", repeti várias vezes, soluçando.

Alguma coisa mudou naquele momento. Foi como se colocassem sobre meus ombros um manto de paz. No meu coração, ouvi minha mãe dizer: "Agora eu posso compreender tudo. Não há do que se desculpar. Acredite no meu amor." Eu me liberei do peso que carregara por tantos anos. Senti, naquele momento, uma espécie de liberdade inebriante.

Alguns anos depois, na véspera de meu casamento com Tony, meu marido querido, senti falta de minha mãe como jamais sentira. Gostaria que ela dividisse comigo aquele momento. Precisava de sua sabedoria e queria sua bênção. Mais uma vez chamei por ela.

Logo depois da cerimônia, uma amiga da família de meu noivo me chamou à parte:

- O nome Forshay diz alguma coisa para você? - perguntou.

- Claro - respondi. - É o nome de solteira de minha mãe.

Por quê?

Ela falou pausadamente:

- Durante a cerimônia, aconteceu uma coisa extraordinária.

Eu pude ver você e Tony envolvidos por um espírito de muita luz que transmitia um grande amor a vocês. Foi tão bonito que não pude me conter e comecei a chorar. Ouvi então um nome sussurrado no meu ouvido: Forshay.

Eu não conseguia dar uma só palavra. Ela continuou:

- E o espírito trouxe uma mensagem para você. Quer que você saiba que sempre será amada, que nunca deve duvidar disso. E que esse amor chegará a você através dos seus amigos.

Nesse momento eu entendi profundamente que o amor sobrevive à morte. A partir desse dia, às vezes percebo alguma coisa nos olhos de um amigo ou de alguém de quem gosto - ou mesmo nos meus próprios olhos, no espelho, e sei que minha mãe está ao meu lado me amando com carinho.